

Relatório Síntese da reflexão realizada na Diocese de Lisboa no período entre sessões da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos

Como ser Igreja Sinodal em Missão?

1. A Igreja de Lisboa dá graças a Deus por sentir correr nas suas comunidades cristãs o sopro do Espírito Santo que nos convida a partir em missão, sem obstáculos, sem fronteiras, sem medos, rumo a todas as periferias. Temos consciência de que neste caminho há luzes e sombras. Sabemos que muitas vezes a vontade humana não colabora com o apelo divino a sairmos de nós próprios e a sermos fiéis às inspirações de Deus, mas reconhecemos que este momento concreto da história do mundo e da Igreja reclama de cada um de nós um renovado empenho para acolher em terreno disponível e generoso a semente lançada pelo semeador (cf. *Mt* 13, 1-23).

2. Os coordenadores locais foram convocados para um dia de reflexão no Turcifal, no dia 13 de janeiro de 2024, em que se procurou aprofundar o que foi a primeira sessão da Assembleia Sinodal e o relatório que desta resultou. Nesta ocasião foram também lançados os trabalhos de oração e reflexão, a serem realizados entre janeiro e março nas várias paróquias e outras comunidades cristãs: fazer memória do percurso percorrido e reconhecer os passos já dados e as iniciativas já em curso, conhecer e aprofundar o relatório de síntese da primeira sessão e procurar formas de continuar o caminho sinodal. O resultado destes trabalhos foi posteriormente enviado à comissão sinodal que trabalhou os diversos materiais recebidos, a partir dos quais se redigiu o presente relatório.

3. A indicação de fundo que percorre a maior parte das reflexões é a de que a Igreja é missionária e tem a responsabilidade de partilhar com os outros o que ela recebeu: a vida divina. Esta noção traduz-se na necessidade de todos os batizados – leigos ou clérigos – se saberem responsáveis pela missão da Igreja: não são meros cooperadores ou participantes, mas verdadeiramente corresponsáveis. Esta consciência amadurece de forma decisiva nos documentos do II Concílio do Vaticano. Tem de ter consequências nas formas de estar e agir na Igreja e no mundo. Podemos dizer que é deste núcleo central que derivam todas as outras reflexões e propostas. Que os diáconos, presbíteros e bispos

são responsáveis pela vida de Igreja é algo já sabido, mas que os leigos também são chamados a empenhar-se na missão é algo por vezes pouco aprofundado.

4. Diversos contributos reconheceram o lugar central da família em si própria como o lugar da iniciação à fé, ao desenvolvimento da pertença eclesial e da formação cristã. No centro desta consciência e responsabilidade missionária precisa de estar a família. A renovação dos percursos de preparação para o matrimónio é essencial para os desafios que hoje se colocam às famílias, assim como o acompanhamento de jovens casais.

5. O acolhimento e o acompanhamento das pessoas foram reconhecidos como elementos fundamentais para a vida eclesial. Estas duas atitudes devem conduzir à atenção às periferias humanas, geográficas, económicas e sociais: cada comunidade deve conhecer os pobres, os imigrantes, os refugiados e ir ao seu encontro não como um mero assistencialismo, mas com a caridade de Cristo. Além disso, seria importante a criação de gabinetes de escuta e acompanhamento, promover estruturas de acolhimento de quem aparece nas comunidades pela primeira vez, aproveitar a catequese na infância e adolescência como forma de chegar às famílias, promover e operacionalizar a visita aos doentes e às pessoas mais isoladas.

6. Importa saber auscultar as vozes dos que, de alguma forma, se sentem excluídos – tais como as famílias reconstruídas, as pessoas separadas, as pessoas com atração pelo mesmo sexo – em vista de integrar na vida da Igreja o seu contributo. Chamou-se muito a atenção, na esteira do trabalho desenvolvido no âmbito da Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023, e não só, para a integração e promoção da presença na comunidade de pessoas com deficiência. A Igreja é chamada a elaborar «manuais de boas práticas» para algumas dimensões da sua vida onde tal seja oportuno.

7. Deve fazer-se o discernimento dos carismas de cada membro da comunidade paroquial, com valorização das diferenças de cada um e atribuição de tarefas e responsabilidades de acordo com os respetivos dons e competências. Pode haver maior espírito de avaliação à ação dos atores pastorais, sendo de equacionar a existência de um «livro de reclamações» e até de uma «provedoria da Igreja». Nestes âmbitos, importa procurar a integração do contributo de profissionais e peritos de diversas áreas. É necessário ultrapassar um certo desconforto que se sente na proposta do que é diferente. A comunicação dentro da Igreja e para fora deve ser simplificada e transparente, aperfeiçoando-se nos meios e tornando a diversidade da Igreja mais presente às próprias

comunidades. Neste sentido, é importante desenvolver os meios digitais. Ao mesmo tempo, é fundamental que na comunicação também haja unidade.

8. As estruturas caritativas da Igreja foram alvo de particular reflexão por alguns grupos, que chamaram a atenção de que estas estruturas podem ir para além do assistencialismo orientando as pessoas, organizações e comunidades, sendo agentes do seu próprio desenvolvimento, contribuindo assim para quebrar o ciclo de pobreza e para reconhecer a dignidade inerente à condição de filhos de Deus.

9. A Igreja é chamada a combater a pobreza e ter presente todas as suas formas: a pobreza da Terra e a escassez de recursos resultante da utilização abusiva; a enorme desigualdade de oportunidades na sociedade portuguesa e no mundo, que gera mais pobreza material e menos acesso à educação e à formação; e as pessoas em situações de precariedade – imigrantes, idosos, pessoas com deficiência, pessoas com ausência de sentido para a vida e a solidão.

10. A dimensão missionária que percorre toda a vida da Igreja é vivenciada numa consciência comunitária. Promover os laços de relação quer entre paróquias, quer entre movimentos e grupos dentro da própria paróquia, deve estar ao serviço do crescimento e desenvolvimento de uma Igreja mais relacional. Nas comunidades cristãs pode cultivar mais um vivo sentido de pertença. As comunidades cristãs não se devem esquecer também das outras comunidades cristãs separadas da comunhão católica e encetar caminhos rumo à unidade. Também com membros de outras religiões deve fazer-se caminho de unidade, pois somos chamados à fraternidade da humanidade.

11. A catequese tem um lugar fundamental e a sua importância pode ser ainda mais desenvolvida se esta se pautar por um caminho catecumenal de verdadeiro encontro com Cristo e de conversão pessoal. Tudo isto se alimenta na vida litúrgica, que é chamada a ser expressão de beleza e lugar da comunidade, com especial cuidado pelas crianças, adolescentes e jovens.

12. A oração assume um papel predominante: uma Igreja que reza é uma Igreja que deixa que Deus lhe fale. É fundamental levar a Palavra de Deus às pessoas, em que o pastor deve liderar pelo exemplo, em três realidades distintas: na condução a Cristo, na clareza do ensino, no caminho para a santidade. A dimensão vocacional da vida cristã é a síntese na qual se realiza a pertença à Igreja e a vivência da missão nesta.

13. Na perspectiva de uma Igreja Sinodal em Missão, a dinamização dos Conselhos Pastorais, Conselhos Económicos e outros órgãos colegiais, de apoio e decisão, no seio paroquial, é um caminho a ser percorrido. Vários contributos pediram o reforço da

necessidade e a valorização dos Conselhos Pastorais Paroquiais. O envolvimento dos leigos em tudo o que diz respeito à vida das comunidades cristãs – caridade, liturgia, ensino – foi assinalado como algo importante.

14. Ainda sobre a evangelização, várias reflexões referiram a importância dos meios digitais, instrumento em que os jovens são especialmente dotados e ágeis, para a evangelização, mas também se chamou a atenção para o risco do isolamento que estes podem veicular.

15. A formação dos cristãos foi assinalada por diversas reflexões, de forma muito especial a formação de formadores e daqueles agentes pastorais com relação mais direta com o público em geral. Na formação assinalou-se a importância de promover a vida de oração. Referiu-se que há uma boa experiência de catequese – quer na infância, quer na adolescência e na maturidade –, mas também que é necessário estar em permanente atualização de formas e linguagens para chegar a todos de forma compreensível, não se perdendo o sentido mais profundo da fé.

16. Dois elementos que surgem da leitura dos diversos relatórios é a necessidade de formação dos cristãos para a consciência missionária no mundo e a promoção de formação e aplicação da Doutrina Social da Igreja, pela qual os cristãos podem ser mais eficazmente uma voz profética no mundo. A índole propriamente secular dos leigos deve levá-los a ser mais eficazmente capazes de fazer a diferença no mundo.

17. A respeito do papel das mulheres na Igreja, assinalou-se que homens e mulheres são complementares, pelo que não precisam de ser iguais na sua participação na vida eclesial e ministerial. A mulher e o homem, pela sua natureza maternal e paternal, têm capacidade de amar o próximo como a um filho e, como tal, podem e devem ser modeladores da fé, desde a família até à comunidade e estas suas características devem ser potenciadas. A participação de ambos deve ser promovida nos diferentes ministérios da Igreja: catequese, leitores, pastoral familiar, pastoral dos doentes, ministros extraordinários da comunhão, música e coros, etc. Não devemos deixar de assinalar que alguns grupos indicaram que o papel das mulheres na Igreja é insuficiente, de forma particular no que se refere aos ministérios, também ordenados, ainda que alguns grupos reconheçam que isso é matéria pouco consensual.

18. Os Bispos, presbíteros e diáconos foram reconhecidos como fundamentais para a vida da Igreja. Sobre o Bispo reconheceu-se que é importante reconhecer como pastor próximo da comunidade e ao serviço desta. Em relação aos presbíteros, reconheceu-se como estes exercem uma missão de *pivot* para que todos os batizados

descubram o seu lugar e missão na Igreja e como estes têm, então, de ter uma formação adequada que lhes permita a realização, da melhor forma, desta missão na comunidade eclesial. Foi pedida a valorização da missão dos diáconos.

19. A respeito da formação dos candidatos ao sacerdócio assinalou-se a importância de uma maior proximidade com a realidade das pessoas, promovendo uma formação em vista do acompanhamento eficaz de pessoas e situações concretas. Neste sentido, assinalou-se a importância de uma formação na esteira do II Concílio do Vaticano.

20. A respeito dos religiosos e religiosas, foi pedida a promoção e desenvolvimento da sua presença nas comunidades paroquiais e outras. Os consagrados devem estar mais presentes nas comunidades, dando-se a conhecer, como forma de favorecer as vocações consagradas, podendo assim rejuvenescer. Estes consagrados, normalmente devido aos seus carismas próprios, e iluminados pelo Espírito Santo, são muito importantes como arautos da mudança.

21. Terminando, um tema que por diversas formas e através de diversos pontos de partida surgiu é o apelo à alegria: uma catequese marcada pela alegria, uma liturgia que produza alegria no coração das pessoas, uma pregação mais alegre, a necessidade de exemplos alegres de vida cristã. A alegria nasce do encontro com Deus e da presença do Espírito Santo na alma, pelo que, podemos reconhecer que esta é um dos frutos produzidos pela semente de Deus na alma crente e na Igreja acolhedora da Palavra de Deus. O testemunho da alegria é esperado pelos nossos contemporâneos como certeza da presença de Deus no mundo.